



# ARTE E SUAS INSTITUIÇÕES

XXXIII COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

## RESUMOS

Stéphane Denis Albert René Philippe Huchet  
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

### Os três passados/clichês de Vik Muniz: a participação, a iconografia e o artista

Em *The Waste Land* (2010), Vik Muniz encena várias matrizes simbólicas: a “participação” social no processo artístico; as imagens da arte; a soberba do artista. O segundo e o terceiro constituem elementos constitutivos da instituição artística e de sua memória. O primeiro, um componente quase readymade do fazer artístico brasileiro. No mega-happening que a filmagem constitui, Muniz, como artista-magister, usa da técnica participativa, verdadeiro médium estético – cujas origens remontam ao argumentário do “Esquema para uma Nova Objetividade”, de autoria de Hélio Oiticica, em 1967 –, para pô-lo, desvirtuando-o, a serviço de um mixto de reencantamento e reificação dos ícones pictóricos produzidos com os objetos recolhidos no lixão carioca.

Através desse uso irônico, Muniz encena duas coisas: a representação e auto-representação do poder agenciador do artista. Nesse sentido, podemos dizer que Muniz explora três “clichês” da história da arte: um mais recente: a participação; outro, de caráter patrimonial: e legado iconográfico; outro, de caráter simbólico: o status do artista.

A apropriação, que poder-se-ia considerar cínica, da técnica participativa tende a confirmar de maneira provocativa seu estatuto de “gênero” artístico. Essa escolha tática, ao servir um teatro de produção iconográfica bastante singular, demonstra o poder que o artista tem de reintegrar a agenda recente da ação artística dentro de uma taxionomia intempestiva, ao mesmo tempo que mostra como o uso finalizado de certos códigos simbólicos da arte sustenta uma estratégia de confirmação da aura do fazer artístico.

Sobre os escombros das disciplinas artísticas, cujo esvaziamento simbólico é encenado por Muniz, paira e surge a figura do artista, como última ficção e último reduto mítico da arte. É sua sobrevivência irreduzível que alimenta o mercado das exposições. *The Waste Land* é, portanto, a alegoria perturbadora da sobrevivência e do vigor da representação social do artista como diferença social. Essa última não se apaga, mesmo quando pretende-se partilhar o trabalho com outros participantes. O filme é uma glorificação ritualizada da derradeira convenção objetiva da arte: o artista. É ele, como tecnólogo de todas as mídias disponíveis, que detem o poder de consolidar, como bem desejar – e como o mercado lhe pede para fazer –, e de teatralizar seu próprio estatuto social, através de um uso irônico dos clichês. Muniz se mostra, portanto, um manipulador da instituição e da memória artística.